



S. PAIO DE ANTAS
= ESPOSENDE =

ANO V N.º 46
JANEIRO DE 1962

Composição e impressão :
Escola Tipog. da Oficina de S. José
- BRAGA -

O PADRE

Lá vai ele, o homem sério e grave, de aspecto firme o mortificado, envolvido em austeras vestes negras que roçam o chão. Saudam-no, reverentes, os bons, odeiam-no instintivamente os maus, pois nele vêem — movidos não sei por que força — a condenação viva da sua maldade. Quem é esse homem ?

Esse homem que o mundo não pode ver sem indiferença, é o Padre.

Eu escrevi «esse homem», porque o Padre é um homem, feito exactamente do mesmo barro frágil, da mesma carne ardente e tentadora de todos os homens. Mas é um homem investido de uma dignidade tão assombrosa e arrebatadora que diante dele se espumam e aniquilam todas as grandezas do mundo. E' por isso que S. João Crisóstomo, referindo-se ao Padre, exclama empolgado: "E's nada e tudo, ó Sacerdote!". Nada enquanto homem, enquanto lama, enquanto carne fraca e predisposta ao mal; tudo enquanto Mediador entre Deus e os homens, enquanto Esposo da Igreja, enquanto servo de todos. Nada se considera o homem; tudo se se atende à dignidade ministerial em que está investido.

E' ainda por aquela razão que S. Bernardo chama aos Padres «parentes Christi», que quer dizer, consanguíneos de Cristo, pois são, a um tempo, Pai, Mãe, irmão e irmã de Cristo que o geram, que o dão à luz e castamente o amam.

O mesmo S. Bernardo assevera, e com fundamento, que a dignidade do Padre sobrepuja a dos anjos e arcanjos, pois que o Senhor não tomou estes, mas sim os homens, e só os sacerdotes, para ministros do seu corpo e do seu sangue.

Mas não será exagerada esta linguagem ?

De maneira nenhuma, pois apenas balbucia uma realidade sublime que as palavras dos homens não podem plenamente exprimir.

O Verbo Eterno veio à terra e, revestindo-se da nossa humanidade, restabeleceu a harmonia entre Deus e o homem. Depois de ter tratado, durante a sua vida mortal, dos grandes interesses

de Deus e dos homens, voltou ao Céu, para tratar mais especialmente dos nossos interesses perante Deus. Junto de seu Pai é nosso agente, nosso advogado, nosso gestor de negócios, vivendo, diz S. Paulo, a interceder continuamente por nós.

Diz Bossuet que nós temos negócios no céu, mas talvez fosse melhor dizer que não temos negócios na terra, pois é no céu que estão todos os nossos negócios.

(Continua na terceira página)

Casa de Pais Escola de Filhos

Quer o título dizer que se houver bons Pais haverá bons filhos e, consequentemente, sendo bons uns e outros, será igualmente boa a sociedade que eles formam.

E isto é que é importante: o mundo tem de melhor e nós, cristãos, havemos de ser, segundo a palavra do Senhor, o fermento dessa revolução para o bem.

Contudo, não seremos esse fermento, se aqueles que têm a responsabilidade de formar e educar a juventude de hoje e os homens de amanhã (aqui para o caso os Pais) declinarem não só as suas responsabilidades de educadores, mas assumirem também as responsabilidades gravíssimas de desiducadores pelo escândalo e pelo mau exemplo.

O mal do mundo de hoje, volto a repeti-lo, é, em grande parte, um mal que nasce das famílias. É que a juventude deste século não recebe, no tempo mais propício (qual é o da permanência no lar paterno) aquelas traves mestras de toda a boa formação: o espírito de Fé, o amor e o santo temor de Deus, o respeito sagrado pela autoridade, o culto da dignidade, da honra e do dever.

(Continua na terceira página)

Névoas na Montanha

(Conclusão)

A notícia chegou à aldeia, mas ninguém sabia como nem quem a trouxera. O Zé Manel já viera de África e estava em casa da mãe no Carvoeiro. Mas quem o disse? Quem o viu? E sabê-lo! A notícia andava já pelas vendas e uma notícia não se discute.

— Quando é o casamento, Rosita?

A Rosita amuara, lisonjeada. Mas a Rosita andava inquieta. Então o Zé Manel viera sem lhe dizer nada. Pelo Natal recebera a última carta dele e parecera-lhe fria, sem assunto. Esperava resposta há mais de quatro meses e era o que se via. E agora aparecia o homem no Carvoeiro sem uma palavra de aviso para ela. Foi preciso que a tia Sabina lho dissesse para ela o saber. Deixá-lo aparecer por aí que as há-de ouvir. Só se estivesse a fazer-se de desentendido para lhe pregar uma surpresa, mas mesmo assim...

Oito dias já lá iam, grandes e compridos que era um castigo e do Zé Manel já mal se falava nas vendas. Só nos lameiros é que sim. Nos lameiros e nos regos de lavar a roupa. Havia mixeriquices, falinhas ao ouvido, tu cá, tu lá...

— Emílio, fazes-me um favor?

Era a Rosita, de uma vez que o Emílio andava ali pelo portal, a fazer nem ela sabia o quê (desde aquele dia de sacha, o Emílio começou a aparecer por ali muitas vezes, como quem não quer a coisa, mas a Rosita ninguém a via).

O Emílio quase ficou sem fala. Ainda lhe veio à ideia aproveitar a ocasião para contar aquela célebre história da música na festa de Guinfães, mas aquilo começou-se-lhe a embrulhar no cérebro, como comida agoniada no estômago e ele esqueceu-se do princípio e nem sabia já a que propósito vinha o resto.

— Fazes-me um favor Emílio?

Favor que ele fosse!

— Vai-me a Carvoeiro, ver se o Zé Manel já veio, sim?

O Zé Manel. E sentiu uma facada no coração.

O Bruta-Montes.

E foi. Sem uma palavra. Sem esfregar as mãos. Como quem vai levantar um defunto. Ao passar na Agra não o reconheceram.

— O Emílio, aquele tipo encolhido e chupado? Nah ..

Carvoeiro era longe. Duas léguas a passar, por caminhos à toa, que iam à procura de outras povoações. Alvarães. Barroselas. Em dias de feira, o Emílio fazia aquilo a brincar. Pelo caminho, paragens e paleio. E um copito na venda de Santo António que um homem não é de pau. A feira conhecia-o e alimentava-lhe os vícios. Mas hoje não. Não era quarta-feira. Ninguém o conhecia.

Voltou, já o sol se cansara de andar pelos altos a ver a jorna dos campos. E agora não havia dúvidas. Era ele. A's corridinhas e a esfregar as mãos. Nem mais nem menos! O Emílio dos bons tempos. O Emílio que tinha o mundo para andar.

— Olá Emílio!

E ele já lá adiante, sem ligar, levantado um braço, com quem dá uma gorgeta.

— ...lá!

Chegou triunfante, com o braço erguido, como se tivesse o recado na mão, bem à mostra para que todos o vissem.

O Zé Manel já voltado, sim senhores. E voltara casado. E repetiu: casado com todas as cruces com uma africana de alto lá com ela. Até carro têm, aqueles vadios. Enfim, Rosita, são outras terras. E outro estrume.

A Rosita não pôde mais. Desatou a soluçar, com a alma a desfazer-se e a sair pelos olhos como água da bica. E fugiu para debaixo da latada.

E o Emílio viu-se só, a falar para as moscas, ainda com o braço ao alto, como quem mostra o recado.

Aproximou-se depois, sem compreender. Sim... fora até o Paulinho das Casas Novas quem lho contara. Os dois até viviam na casa da mãe, mas já tinham comprado um prédio novo. Ela era muito rica. Estavam bem, não havia dúvida, ficasse a Rosita descansada.

E ela:

— Sou a rapariga mais infeliz do mundo. Eu gosto dele, Emílio. O Zé Manel é meu. Eu não posso com isto, eu morro.

* * *

Amanhã vamos ter bom tempo que vermelho ao mar, sol de rachar. Era isso. Lá estava aquela vermelhidão, pousada nas ondas. Vai um tempo rico para os milheirais. E então de vinho nem falemos.

(Continua na quarta página)

O PADRE

(Continuação da 1.ª página)

Existe, pois, um santo comércio entre o céu e a terra, porque o Senhor também tem negócios entre os homens. Tem almas a ganhar, eleitos a ajuntar, o seu reino para alargar até aos confins do globo. E, portanto, mister que tenha os seus representantes na terra. E esses são os Padres.

O Padre é, por conseguinte, embaixador de Deus perante os homens e intercessor dos homens perante Deus, estando desta forma constituído de permeio entre o Criador e a criatura. Faz conhecer ao homem a vontade de Deus e apresenta a Deus as súplicas do homem, recebe do céu para trazer à terra, toma da terra para elevar até ao céu, junto de Deus pede, diante dos homens dá.

O fundamento desta divina comunicação é sempre o Homem-Deus, Pontífice Eterno, Padre principal e único Mediador entre Deus e os homens.

O próprio sacerdócio de Jesus Cristo é, pois, comunicado ao Padre para que ele o exerça como se fora o próprio Cristo. E desta maneira é com verdade, e profundidade que se diz que o Padre, como Padre, é outro Cristo.

O Padre fala, prega, ensina?

E' Cristo que fala, prega e ensina por sua boca. Quem escuta esta voz escuta Jesus Cristo; quem a despreza, despreza Jesus Cristo, pois está escrito: «Quem vos ouve, a mim ouve, quem vos despreza a mim despreza».

O Padre baptiza? E' o próprio Cristo quem baptiza.

O Padre absolve? E' o próprio Cristo quem perdoa.

O Padre sacrifica? E' Cristo que se imola, porque na realização do mistério eucarístico o homem desapareceu: O seu eu converte se no **Eu** do Homem-Deus que lhe faz dizer no momento da consagração: «Este é o meu corpo».

Na Igreja, o efeito principal dos sacramentos acima aludidos é sempre o mesmo, quer o Padre seja um santo, quer seja um homem cheio de defeitos.

Porquê? — Porque não é ele quem actua, mas Cristo que opera nele.

Mas há mais. Precisamente porque Jesus Cristo opera e vive no Padre é que ele tem o poder de reformar, de aperfeiçoar e santificar, não só os individuos, mas também as sociedades e as nações.

Se o Padre toca os corações, reconcilia os pecadores, converte os infieis, inspira amor à Verdade e ao Bem, civiliza e eleva, tudo isso não depende fundamentalmente do seu zelo, da sua habilidade, da sua inteligência e espirito de sacrificio, (e há muitos padres assim, graças a Deus)

mas depende da graça do Sacerdócio que o impelle, que o anima, que o inflama.

E ainda mais... mas... não acham que é melhor ficar o resto para o próximo número?

Casa de Pais Escola de Filhos

(Continuação da primeira página)

Ao contrário, quantas vezes não recebe, no seio sacratíssimo da família, exemplos desabonatórios daquelas virtudes fundamentais

E sem hábitos do bem, que são como couraça dura que os defenderá nas lutas do futuro, como serão bons, no meio do mundo tão cheio de ardis e de tentações?

«Casa de Pais escola de filhos» quer ainda dizer que onde os Pais souberam ser Pais com letra maiúscula, os filhos hão-de, por força, saber ser filhos.

A casa de família é, pois, uma escola. Escola sagrada, escola fundamental em que os mestres são os Pais. Mestres do dever, de dignidade, de respeito, de perfeição e de santidade. Mestres pelas palavras, pelos conselhos sábios, mas sobretudo mestres pelo exemplo de um vida cristã irrepreensível.

INDULTOS (Bulas)

Não te esqueças de, durante o mês de Janeiro, tomar os Indultos e dar a competente esmola. Bem sabes que não há obrigação grave de o fazer; há, isso sim, obrigação de cumprir o 4.º mandamento da Santa Igreja, mas se te esqueces de tomar os indultos, com mais facilidade te esquecerás de cumprir a lei geral da Igreja.

O centro da paróquia é a Igreja,
e na Igreja o tabernáculo, com o
confessionário ao lado: ali encon-
tram vida as almas mortas e recu-
peram saúde as enfermas.

Pio XII

Névoas na Montanha

(Continuação da segunda página)

Era a gente que voltava das leiras. Mas o Emílio nem reparava. A correr, aproveitando os atalhos, tropeçando nos marcos.

— Que bicho te mordeu, Emílio?

Mas o Emílio já lá ia. E' preciso chegar a Carvoeiro antes que o Zé Manel se deitasse. Tinha que ser. E duas léguas não se fazem num credo.

Em dias de feira, sim, nem lhe apalpava a distância. Mas hoje não era quarta-feira. Nem havia peleio pelos atalhos. Só ele e a noite atrás dele, a avançar e a alastrar.

— O Zé Manel, o africano, é lá adiante, a primeira casa a seguir às Alminhas.

Lá estavam as Alminhas. A primeira casa. Iluminada que nem uma cidade.

— O Sr. José Manel? Está sim, vai sair mas eu vou ver se ele pode atender.

O Emílio esperou uma eternidade.

— Olá, Emílio, ainda vives? Estás velho e comido que nem um morcego.

— Zé Manel, case com a Rosinha, ela gosta de si.

No silêncio ficaram só os olhos dele, erguidos a implorar como dois sírios aos pés de um santo.

— E's parvo, Emílio. Não sabes que sou casado? Diz à Rosita que aquilo foi uma brincadeira de crianças.

— Pelas alminhas. Zé Manel.

— Acabou-se. E's bruto. Não compreendes.

— Zé Manel!

— Sume-te.

E fechou-lhe o portão.

Na estrada ninguém. Só o Emílio a cambalear, misturado com a noite. Ali eram as Alminhas. Lá estavam elas. Mal se viam, que a noite cobria tudo.

Nisto o Emílio bem viu, lá atrás, uma luz cortou a estrada como uma faca. Exactamente era um carro a sair da casa do Zé Manel. Aí vinha ele a tomar velocidade. E o Emílio tentou ainda mais uma vez: ajoelhou na estrada e de mãos erguidas:

— Zé Manel, pelas almi...

Uma pancada seca cortou-lhe a palavra.

E o carro seguiu a toda a velocidade, abrindo caminho na escuridão. Atrás era a noite. Uma noite fechada, onde as estrelas ferravam a custo, sem coragem de se chegarem ao perto.

E à beira das alminhas, junto da valeta, lá estava um corpo estirado, as duas mãos ainda erguidas.

Baptizados

Na Igreja Paroquial de S. Paio de Antas receberam o Sacramento do Baptismo:

— No dia 16-12, José Alberto de Barros Viana, filho de Manuel Martins Viana e de Maria Saleiro de Barros, residentes no lugar de S. Paio de Cima.

— No dia 17-12, Maria Isabel Azevedo Sampaio, filha de Manuel Afonso Sampaio e de Cândida da Cruz Azevedo, residentes no lugar de Azevedo.

— No dia 22-12, Manuel Vieira Rolo, filho de Domingos Gonçalves Rolo Júnior e de Carolina Alves Vieira, residentes no lugar de Guilheta. Faleceu no dia 12 de Janeiro.

— No dia 24-12, Maria Adélia da Costa Enes, filha de José Enes e de Maria Elvira de Barros Costa, residentes no lugar de Azevedo.

— No dia 26-12, José Manuel Rolo Portela, filho de Manuel Augusto Gonçalves Portela e de Maria Alves Rolo, residentes no lugar de Guilheta.

— No dia 31-12, Fernando da Cruz Miranda, filho de Manuel Alves de Miranda e de Ana Alves da Cruz, residentes no lugar da Pereira.

— No dia 1-1-1962, Manuel Domingos Sampaio Viana, filho de Luciano da Cruz Viana e de Maria Rolo Sampaio, residentes no lugar de Azevedo.

No dia 6-1, Maria Isménia Viana Meira, filha de Amadeu Martins Meira e de Maria Irene Gonçalves Torres Pereira Viana, residentes no lugar de Belinho.

— No dia 7-1, Rosalina de Sá Vieira, filha de Albino Simões Vieira e de Maria Alice Fernandes de Sá, residentes no lugar do Monte.

— No dia 12-1, António Viana da Cruz, filho de Manuel Alves da Cruz, e de Alzira da Cruz Viana, residentes no lugar do Monte.

— No dia 14-1, Domingos de Sá Fernandes, filho de Domingos Vicente Fernandes e de Eugénia Meira de Sá, residentes no lugar de Guilheta.

— No dia 17-1, Manuel Viana Laranjeira, filho de Albino Pires Laranjeira e de Alice Azevedo Viana, residentes na lugar de Azedo.

— No dia 18-1, Rosa Maria Gonçalves Laranjeira de Barros, filha de Lino Laranjeira de Barros e de Rosa da Conceição Gonçalves Laranjeira, residentes no lugar de Guilheta.

Casamento

No dia 30 de Dezembro, contraíram o Sacramento do Matrimónio, António de Sá e Olívia Marques de Sousa, ambos do lugar de Guilheta.

As bênçãos de Deus estejam sempre convosco.

1961 — 15 casamentos